A Igreja Maronita

Introdução

A Igreja Maronita é uma Igreja Oriental em plena comunhão com a Santa Sé de Roma. Uma das características distintivas da Igreja Maronita é que ela se originou e desenvolveu estreitamente vinculada àqueles que adotaram uma vida monástica na região.

Por esse motivo, ao introduzir a Igreja Maronita, deve-se começar falando de São Maron (também conhecido como São Marun), o santo que deu origem ao nome da Igreja Maronita. São Maron foi um eremita sírio do século IV D.C. cuja vida e exemplo inspiraram muitos seguidores e um movimento monástico. Tal movimento se tornou o núcleo em torno do qual a Igreja Maronita se desenvolveu, e a Igreja Maronita nunca se afastou de seus monges, freiras e eremitas.

Os maronitas são, hoje em dia, liderados pelo Patriarca Bechara Boutros Al-Rahi (eleito em 2011), cuja Sé Patriarcal fica em Bkerke, uma aldeia ao norte de Beirute, no Líbano. A Igreja Maronita é oficialmente conhecida como Igreja Maronita Siríaca de Antioquia. Este título manifesta a herança litúrgica da Igreja Maronita (siríaca) e sua conexão com a antiga Sé cristã de Antioquia, onde São Pedro foi primeiro bispo, antes de ir para Roma. A língua siríaco-aramaica falada pelos primeiros cristãos continua sendo o principal idioma litúrgico da Igreja Maronita hoje em dia.

A fundação da Igreja Maronita deve-se a três acontecimentos históricos, confirma o Corbispo Seely Beggiani afirmou no seu livro *Aspects of Maronite History* (Aspectos da História Maronita): a vida e obra de São Maron, a fundação do Mosteiro de Bet Maroun (“a Casa de Marun) e a organização do Patriarcado Maronita. Tais eventos moldaram o caráter desta Igreja durante séculos.[11]

(A

[1] Corbispo Seely Beggiani, Aspects of Maronite History, pp. 1-7.

São Maron

São Maron nasceu em 350 D.C., perto de Apamea, uma cidade da Síria[2], uma divisão política do Império Bizantino. Levava uma vida simples de sacerdote, mas depois decidiu abandonar o mundo e buscar a solidão e uma vida de mortificação no alto de uma montanha chamada Nabo, perto de Antioquia. São Maron praticava uma forma extrema de asceticismo, vivendo ao ar livre, longe do mundo material e físico e, ao mesmo tempo, levando uma vida espiritual intensa. Pouco se sabe sobre a vida de São Maron, mas ele adquiriu a reputação de ser um santo milagreiro, operando muitas curas. Atraiu seguidores que continuaram sua missão com grande devoção depois de sua morte. Seus esforços resultaram na conversão de muitos ao cristianismo na Síria. Por volta do século V estas conversões se estenderiam ao Líbano, país vizinho, onde templos pagãos foram transformados em igrejas, e a obra da evangelização continuou.[3]

O Mosteiro de Bet Maroun

Depois da morte de São Maron, muitos de seus seguidores, com a ajuda do Papa São Leão Magno e Teodoreto, Bispo de Ciro (que morreu em 466), fundaram o Mosteiro de Bet Maroun no vale do rio Orontes. Este mosteiro se tornou, depois, um próspero centro religioso. No século V, embora a maioria dos cristãos siríacos ocidentais rejeitassem as decisões do Concílio de Calcedônia, o mosteiro de Bet Maroun assumiu a liderança, pregando a verdadeira doutrina e defendendo os ensinamentos do Concílio.[4] Durante o século VI, os monges de São Maron da Síria foram vítimas de intensa violência e perseguição desencadeadas contra eles pelos monofisitas (heréticos contra os quais os Concílio de Calcedônia foi convocado).[5] Trezentos e cinquenta monges foram massacrados, e vários mosteiros foram incendiados por defenderem a verdadeira fé.[6]

[2] Pe. John H. Nahal. “History of the Maronites” (História dos Maronitas), pp. 9-10.
[3] Fady T. Keyrouz*, Identity from History* (Identidade a Partir da HIstória), pp. 59-61.
[4] Vide Nahal, pp. 14-16.
[5] Vide Keyrouz, p.55
[6] Para maiores informações, vide Beggiani, pp. 7, 8-9 e Keyrouz, pp. 65-66.

O Patriarcado Maronita

Quando o islamismo começou a se espalhar pela região por ocasião das conquistas islâmicas do século VII, os cristãos perderam contato com Constantinopla e enfrentaram ameaças e perseguições de inúmeros grupos religiosos da região. A comunidade maronita elegeu João Maron, bispo associado ao mosteiro de Bet Maroun, como Patriarca de Antioquia e de todo o Oriente. Com a aprovação do Papa São Sérgio I, o Patriarca João Maron se tornou o primeiro Patriarca Maronita de uma das mais antigas sés da cristandade, a Sé de Antioquia. Enviado ao Monte Líbano, a missão do Patriarca João Maron era opor-se a heresias e apoiar os fieis nas áreas conquistadas, além de manter os maronitas unidos a Roma. O patriarca João Maron era um líder ao mesmo tempo eclesiástico e civil que fundou e organizou a Igreja Maronita e estabeleceu um corpo político, nacional e militar que seria o segredo por trás da capacidade desta igreja perseguida de manter seus direitos e indenpendência posteriormente. [7]

A Igreja Perseguida

Os maronitas sempre enfrentaram desafios para manter sua identidade e preservar suas tradições. Sofreram muitas vezes atentados e pressão para mudar seus costumes e práticas religiosas. Foram perseguidos ao longo da história pela maioria monofisita, pelo poderoso Império Bizantino e, depois, seguiram-se as conquistas islâmicas no Oriente Médio; numa época mais recente, foram assediados pelo Império Otomano. Os otomanos os submeteram à fome e à inanição. Seus governantes pretendiam destruir a população do Monte Líbano. Naquela época, 200.000 pessoas morreram de fome. Mil e quinhentos maronitas foram mortos durante os ataques dos drusos (um dos grupos religiosos que eram maioria na região) em 1860. Durante a guerra civil libanesa (1975-1993), centenas de milhares de maronitas foram expulsos de suas residências e de suas terras.

[7] Keyrouz, pp.72-78. Veja também: https://catholicsaints.info/saint-john-maron/

Os Maronitas Hoje

Devido à emigração ocorrida desde o século XIX, a maioria dos maronitas vive fora da região do Líbano. De acordo com registros de 2011 baseados em informações obtidas das paróquias maronitas, aproximadamente dois milhões de católicos maronitas vivem e praticam sua religião segundo os ritos maronitas dentro das comunidades da diáspora mundial maronita na Europa, nas Américas, na Austrália e na África. Cerca de um milhão de maronitas vivem no Líbano, 52.000 vivem na Síria, 10.000 no Chipre, e 15.000 na Terra Santa, na Jordânia e no Egito. Além disso, aproximadamente cinco milhões de maronitas moram fora do Líbano e celebram seus ritos em latim ou em outras igrejas católicas.[8]

Relacionamento com a Igreja Latina

Deve-se mencionar que um longo período de vínculos com Roma e a Igreja Latina resultou na introdução de diversas práticas latinas na igreja maronita, tais como o rosário e o uso de imagens, e também incentivou certas devoções, tais como uma intensa devoção à Imaculada Conceição.[9] Desde o Concílio Vaticano II, especialmente durante o pontificado do Papa São João Paulo II, as reformas litúrgicas buscaram recuperar importantes tradições maronitas que foram obscurecidas por latinização. Estes estreitos vínculos com a Igreja Ocidental também ajudaram a explicar o fato de que hoje em dia muitos maronitas não são necessariamente do Oriente Médio. Os maronitas são uma igreja hospitaleira e acolhedora, que mostra o amor de Cristo a todos.

[8] Vide: https://www.maronite-heritage.com/Statistics.php

[9] Para maiores informações sobre este tópico, vide Beggiani, p. 12.